



ÁREA TEMÁTICA: Identidades, Valores e Modos de Vida

QUE VIDA VIVER? UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA FELICIDADE

ROQUE DANTAS, Ana

Mestre em Sociologia

CesNova/SociNova-FCSH/UNL

ana.roque@fcs.unl.pt

Resumo

Esta comunicação pretende apresentar resultados de uma investigação desenvolvida no âmbito de Mestrado.

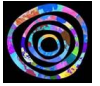
Apresenta a felicidade enquanto representação social, condicionadora das práticas dos actores sociais.

Foram identificadas e analisadas as dimensões estruturais, socioculturais e individuais com influência na valorização da felicidade e na estruturação de projectos de vida.

A metodologia seguida privilegiou uma articulação entre uma abordagem macro, a partir de indicadores estatísticos quantificáveis, com uma análise centrada nas trajetórias dos actores individuais, recorrendo essencialmente a entrevistas sociológicas em profundidade.

Foi construído um modelo de análise original para este objecto de estudo que orientou toda a pesquisa. Nesse sentido, foi possível aceder à compreensão dos processos sociais associados à construção da ideia de felicidade, à identificação dos valores transversais e também às expectativas, significados e sentimentos que orientam a acção.

Palavras-chave: Felicidade; Sociologia das Emoções; Trajectórias de vida





Que vida viver? Uma análise sociológica da felicidade

1. Felicidade: construção do objecto sociológico

A felicidade é hoje um tema que, quase todas as semanas, preenche uma parte da imprensa escrita. Este é um sinal da sua importância na estruturação das expectativas e da acção dos actores sociais.

O tema da felicidade interessa particularmente à Sociologia, na medida em que hoje uma parte considerável dos actores sociais procura *modelos de vida* em que a questão da felicidade é equacionada como um factor fundamental na sua acção.

O crescente interesse pelo fenómeno da felicidade traduz-se por um aumento da informação sobre “novas” formas de alcançar felicidade, “novas” opções e escolhas em que a felicidade aparece com papel central, influenciando a forma de a sentir e de expressar essa forma de sentir.

Destacam-se as alusões à qualidade de vida, ao bem-estar, à satisfação; sinais de que a felicidade pode constituir um problema social. É um problema social na medida em que são inquietações que condicionam as expectativas e a acção dos indivíduos em sociedade e não se reduzem a meros desejos individuais sem eco no tecido social onde os actores individuais interagem. Existe uma preocupação social com o fenómeno da felicidade. Os inúmeros artigos que têm vindo a público através da comunicação social, são disso um exemplo. Este apelo constante à felicidade é, por um lado, um indicador do quanto os actores sociais a quem ela se destina, estão dispostos a orientar a sua conduta em função da sua procura, e por outro lado, mostra a influência que tais *media* podem ter nas suas representações sociais sobre a felicidade, bem como da importância para as suas vidas.

Entendemos que há uma solicitação ou apelo social à felicidade, seja de forma directa, procurando formas individuais de a alcançar, ou indirecta através da criação de expectativas colectivas que guiam a acção individual.

Assim, a felicidade assume o papel de motor da acção social, ainda que sob formas diferenciadas. E questionamos de que forma estas diferentes características se podem observar através das práticas, dos valores, da relação com o tempo e dos quadros de vida dos actores sociais.

O objectivo desta comunicação é apresentar os resultados de uma investigação levada a cabo no âmbito do Mestrado em Sociologia, com a identificação das dimensões com influência sobre a felicidade e a análise da forma como influencia condutas e acções dos actores sociais. Para tal, num primeiro momento, faz-se uma breve visita aos principais contributos teóricos que orientaram a pesquisa; em seguida, apresenta-se a estratégia de operacionalização e o modelo de análise proposto; segue-se a apresentação da metodologia: e, por fim, alguns resultados.

2. Revisão da literatura

Alguns estudos indicam que as pessoas não se consideram mais felizes do que no passado (Layard, 2003 e 2005; Easterlin, 2001 e 2003); e, ao mesmo tempo, aumenta a importância da felicidade, resultando no que alguns autores classificam como paradoxal: as pessoas dedicam a maior parte da sua vida ao trabalho, na procura de uma vida melhor e deixam pouco tempo e energia para dela usufruir.

A *civilização de felicidade paradoxal* é o conceito proposto por Gilles Lipovetsky (2006) para descrever a coexistência de princípios contraditórios nas sociedades ocidentais na actualidade: vivemos até mais tarde, em melhor forma física e com melhores condições materiais; cada um é responsável pela conduta da sua vida; os nascimentos são cada vez mais decididos; os comportamentos sexuais liberalizados; o tempo



consagrado ao lazer aumenta constantemente e as festas e incitações ao prazer invadem a vida quotidiana. A par destas melhorias e mesmo que uma imensa maioria se declare feliz, aumenta o número de depressões, stress e ansiedade; vivemos em sociedades cada vez mais ricas mas onde cada vez mais pessoas têm condições precárias; as solicitações hedonistas são constantes, mas existem a par de inquietudes, decepções e insegurança social (Lipovetsky, 2006).

Assim, surgem constrangimentos socioculturais que assumem importância para os actores sociais, como o reconhecimento social (da felicidade e de todo um *quadro de vida* que se traduz também pela posse de bens simbólicos e materiais), a par de uma acção individual hedonista que evita o desagradável e procura o prazer.

A felicidade é apresentada por António Damásio (2003) como essência da condição e manutenção humana, equilibrada e gerida segundo os atributos pessoais de cada um.

Embora concordando com as especificidades individuais de que este sentimento se pode revestir, podemos questionar-nos acerca da influência que o contexto social exerce na produção da representação de felicidade.

A felicidade não é unicamente construída pelo indivíduo e dependente das suas especificidades psicológicas, mas também fortemente condicionada pelo contexto social em que o indivíduo se insere e do meio social em que foi socializado (Veenhoven, 1984, 1991; Frey e Stutzer, 2002).

Assim, admitimos que tanto as dimensões individuais e biológicas como as sociais exercem influência sobre a felicidade dos indivíduos e questionamos o que pode fazer as pessoas felizes. Serão os actores sociais movidos meramente por aspectos materiais? Se não, então em que medida intervêm as dimensões culturais, ou mesmo as que decorrem do sistema biológico e da procura de satisfação de necessidades inatas.

Recentemente alguns autores que se dedicam a esta temática destacam a importância da articulação das componentes individuais com sociais (Veenhoven, 1984, 1991; Frey e Stutzer, 2002).

Defendemos que o estudo da felicidade deve ainda incluir reflexão sobre a sua importância para o comportamento e orientação da acção.

A felicidade não é apenas um traço de personalidade e, se os indivíduos diferem nas suas capacidades, também os constrangimentos do meio limitam as suas acções. São as capacidades e a situação que fornecem o contexto objectivo para a avaliação da felicidade (Averill e More; 2000).

A revisão da literatura esclarece que os sentimentos incorporam conhecimento e sabedoria e suportam a acção; mostram-nos também que a felicidade é um sentimento; e como tal, enquanto sentimento tem um papel na orientação da acção. À Sociologia importa perceber a importância que os sentimentos têm para a acção social e de que forma a condicionam. Aqui interessa mostrar como o sentimento de felicidade motiva a acção dos actores sociais e lhes condiciona as práticas e comportamentos.

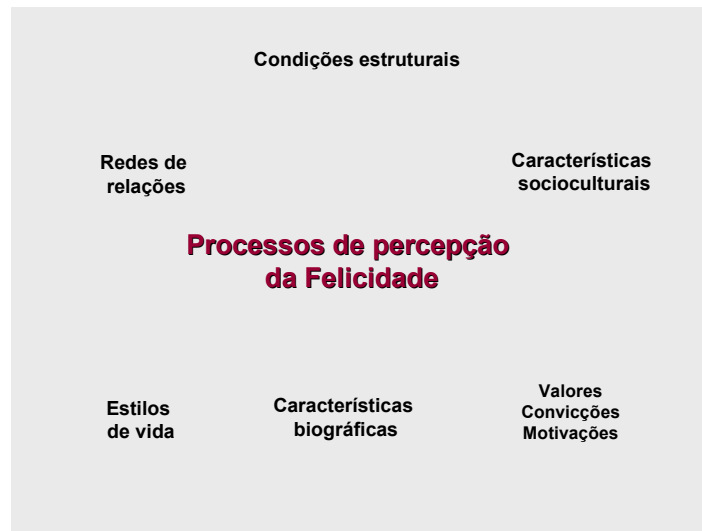
Assim, entendemos a felicidade como um conceito subjectivo e com dimensão temporal, uma vez que os sentimentos e as emoções são dinâmicos e a sua intensidade pode sofrer variações. O seu estudo deve centrar-se nas percepções que os actores sociais desenvolvem sobre a sua importância e sobre a forma como influencia condutas e práticas sociais.

Com base na revisão teórica efectuada, propomos três dimensões para a análise do objecto de estudo. Considera-se que estas têm influência sobre os processos de percepção e representação da felicidade. Numa dimensão mais macro, focam-se as condições estruturais do país; ao nível das condições de vida, a análise centra-se nas características socioculturais (educação, condições de trabalho, prestígio da actividade) e nas redes de relações (família, amigos); ao nível das condições individuais, destacam-se as características biográficas (idade, sexo, estado civil), os estilos de vida (lazer, organização do quotidiano) e as convicções, valores orientadores, expectativas e motivações.



A figura que a seguir se apresenta representa graficamente esta proposta.

Figura nº1: Dimensões da felicidade



Tanto as dimensões estruturais, como as sociais e individuais, concorrem para a definição de condições de vida, que os actores sociais avaliam e transformam em circunstâncias diferenciadas. São várias as realidades que se interpenetram e que é necessário, ao actor social, incorporar e gerir. Diferentes constrangimentos sociais podem conduzir a procuras de felicidade distintas, determinadas pela apropriação individual dos modelos disponíveis.

3. Modelo de análise

A investigação empírica estrutura-se em torno da análise da importância que cada indivíduo atribui à felicidade, acompanhada pela avaliação das vivências pessoais em torno deste sentimento. Não se pretende avaliar se os actores sociais analisados são ou não felizes mas se a preocupação com a felicidade está presente enquanto motor da sua acção. Mais especificamente, o objectivo é conhecer o papel que a felicidade assume na estruturação de projectos de vida: como é que se foi construindo e contribuindo para estruturar as condutas dos actores sociais ao longo da vida. É esta análise que nos parece permitir uma compreensão dos processos e mecanismos subjacentes à construção social da felicidade.

A felicidade actualiza-se e transforma-se através das relações entre os indivíduos, nas suas acções e projectos, bem como nas suas trajetórias sociais. A busca da felicidade poderá ser mais ou menos intencional, consciente, ou consequência da acção.

Neste sentido, questionamos o papel que a felicidade assume para os actores sociais, uma vez que a concepção da felicidade parece estar para uns, mais balizada por valores éticos e normativos (ou mesmo religiosos), enquanto para outros, mais ligada à vivência quotidiana ou associada a aspectos materiais. A felicidade adquire diferentes significados sociais, podendo ser assumida enquanto ideal ou objectivo último, ou enquanto concepção mais hedonista.

A nossa proposta de análise centra-se na identificação dos factores que condicionam e distinguem diferentes acções e condutas. Decorre de uma inquietação em torno dos processos de ruptura realizados por pessoas que, apesar da sua inserção social e profissional, largam empregos, cortam laços sociais e



iniciam novas actividades e mesmo novas formas de estar na vida. Perante estas situações questionamos o que influencia tais decisões: a procura de felicidade? Uma diferente valorização da felicidade? Que influência têm as trajectórias de vida?

Assim, o ponto de partida para a construção da estratégia de operacionalização é a situação de ruptura. Mas, como uma amostra que contemple apenas com situações deste tipo não permite a comparação e limita a caracterização, a análise foca diferentes trajectórias sociais, percursos e valorações de felicidade.

Neste sentido, e para responder às questões colocadas, elegem-se dois eixos de análise: *importância da felicidade* (eixo vertical) e *trajectória de vida* (eixo horizontal).

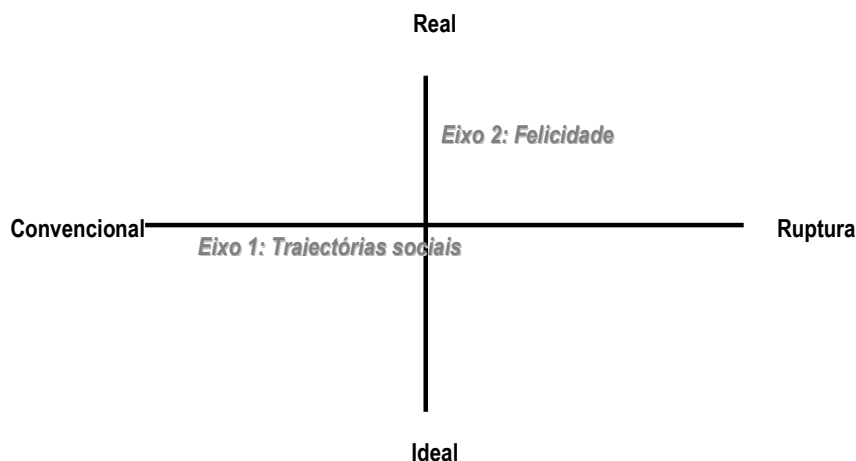
É nossa convicção que estes permitem aceder à compreensão de como diferentes trajectórias de vida se relacionam com a felicidade, enquanto elemento orientador da acção.

As trajectórias polarizam diferentes percursos (a uns mais convencionais, opõem-se outros mais radicais, em que a ruptura simboliza a sua expressão máxima).

Por sua vez, a valorização da felicidade oscila entre dois extremos: *ideal e real*, e entendendo que o primeiro pode designar opções que se guiam por “ideais”, por planos de actuação não pragmáticos e que definem metas de actuação que visam a superação das contingências dessa mesma realidade; e o *realismo* por planos de actuação construídos sob condições objectivas, pragmáticas e determinadas.

A *importância da felicidade* e a *trajectória de vida* são observadas através das condições estruturais existentes, das condições de vida dos actores sociais e das suas especificidades individuais.

Figura 2: Eixos de análise



Para a investigação, admitimos a hipótese de que a partir desta polarização se criam diferentes estruturações que caracterizam os perfis propostos, apresentados sob a forma de tipos-ideiais¹. São eles:

1. *Pragmático*: este perfil caracteriza-se por um pragmatismo ligado ao quotidiano e às rotinas. Vive uma lógica instrumental do trabalho e centra-se nas questões materiais (pagar casa, comprar carro). Ter e possuir assumem um importante significado: ter saúde, ter emprego. Inclui pessoas conformistas e envoltas em determinismo social “sempre foi assim”. Este perfil situa-se num extremo do eixo vertical onde a procura de felicidade assume pouca importância.



2. *Espiritual*: o perfil espiritual situa-se no outro extremo do eixo vertical com a felicidade a assumir o papel de ideal. Pretende retratar indivíduos que encaram a vida com ideais espirituais, com a procura de um sentido para a vida, com o objectivo de desenvolvimento e realização pessoal em todas as dimensões da vida. Para estes, todas as acções têm em vista a felicidade; vivem na procura de equilíbrio e bem-estar ou prazer. Os cuidados com o corpo, alimentação e desporto adquirem muita importância. É um perfil que se estrutura em torno do desenvolvimento do *ser* através do *fazer*.

3. *Convencional*: este perfil localiza-se no eixo horizontal relativo às trajetórias de vida. Cristaliza características convencionais, agrupando actores sociais com “vidas normais”, rotineiras, com preocupações financeiras e procura de acumulação de rendimentos e de continuidade social e económica. Desenvolvem trajetórias profissionais contínuas, procuram estabilidade e carreira, bem como recompensas e benefícios materiais. O reconhecimento social assume muita importância. As férias e o consumo surgem como momentos de quebra da rotina e de procura de bem-estar. Este perfil caracteriza-se pela necessidade de posse, do “ter”: ter um bom emprego, ter um bom ordenado, ter uma carreira, ter uma família,...

4. *Ruptura*: o perfil de ruptura pretende caracterizar indivíduos que seguem uma lógica vivencial com condutas inovadoras, empreendedoras e aventureiras. Procuram um sentido para a vida mas vivem para “gozar o momento”. São pessoas para quem a ruptura (largar tudo e começar de novo) funciona como um momento propício a novas opções. Para estes, a questão da posse é secundária, assumindo a acção um papel estruturador da vivência.

Partindo dos resultados de Baudelot e Gollac (2003) que identificam diferenças sociais e de género na identificação dos factores que assumem importância para a felicidade e separam os respondentes em 2 tipos: felicidade associada à posse, “ter”; e felicidade associada à acção em que “ser” é “fazer”, admitimos que em torno dos perfis convencional e pragmático a dimensão do “ter ou possuir” assume um papel preponderante e, ao contrário, para os perfis espiritual e ruptura as dimensões do agir, “ser e fazer” assumem mais importância.

4. Metodologia

Tendo em conta dimensões de análise já identificadas, a estratégia de observação centrou-se na reconstrução das trajetórias de vida de indivíduos jovens de 30 a 45 anos, de ambos os sexos, com qualificações de nível superior, essencialmente urbanos e que desenvolvem uma actividade profissional.

O objectivo é analisar e comparar a importância que dão à felicidade, como a percebem, assim como, a forma como a procuram no seu quotidiano e nos seus projectos futuros.

Para perceber como se formaliza a ideia de felicidade em diferentes actores sociais, escolheu-se um universo para análise constituído por homens e mulheres, actualmente com idades compreendidas aproximadamente entre os 30 a 45 anos (datas de nascimento entre 1960 e 1975), e com características urbanas (embora possam não residir na cidade). São indivíduos plenamente inseridos na vida activa, com estilos de vida já definidos, projectos planeados, assim como, expectativas delineadas. O universo é, ainda, constituído por pessoas que, pela via do capital escolar ou social, se situam em espaços ou contextos sociais com possibilidade de escolha, de opção entre diversas alternativas e tipos de vida.

Face ao objecto de estudo tornava-se necessário adoptar uma metodologia que fosse rigorosa e não a mera aplicação mecânica de métodos e técnicas rígidas, mas permitisse desenvolver uma estratégia de aproximação sucessiva, até ser possível observar atitudes, valores, motivações e expectativas em relação a alguns actos, por vezes de ruptura social e psicológica, dos seus protagonistas.

Assim, a metodologia desenvolvida neste trabalho organiza-se em função dos diferentes níveis de análise decorrentes dos objectivos problematizados: uma primeira abordagem de nível macro, com análise de



dados estatísticos nacionais; num segundo momento, o foco de análise passa a centrar-se nos actores sociais concretos, procurando elementos comuns, estruturadores e condicionadores da acção individual; e por último, incide sobre os casos particulares e sobre os discursos dos actores sociais.

A articulação destas diferentes abordagens pretende responder às hipóteses e questões formuladas. A saber: *como é que o contexto social influencia as acções individuais; de que elementos sociais se revestem estas acções individuais; e qual o significado que os actores sociais dão às suas acções?*

Num primeiro momento procedeu-se à recolha de indicadores estatísticos que permitissem uma aproximação mais macro ao fenómeno da felicidade e caracterizar a situação actual e o universo em estudo, bem como apontar algumas pistas a explorar. Num segundo momento, as entrevistas biográficas aprofundadas permitem revelar vivências de felicidade e desvendar tanto os valores como as práticas a ela associadas. Possibilitam ainda, conhecer como diferentes actores sociais formalizam e vivem a ideia de felicidade e de que modo na sua trajectória biográfica, ela esteve presente como condicionante da acção social.

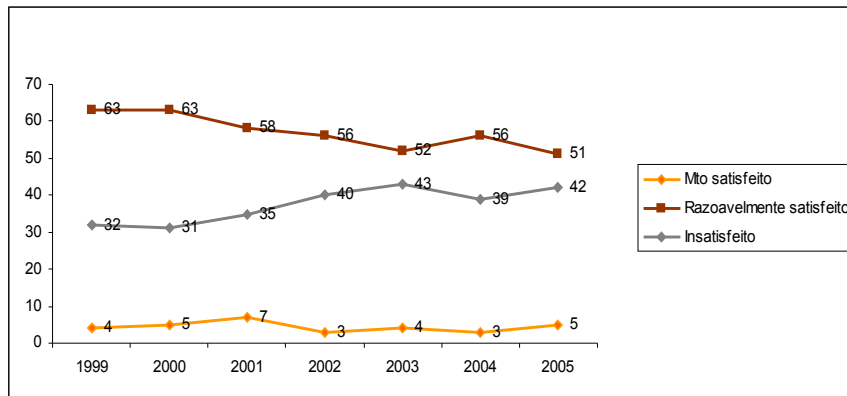
As entrevistas foram analisadas com recurso a diferentes técnicas de análise de conteúdo. Por um lado, identificaram-se as dimensões mais significativas nos discursos e procedeu-se à sua quantificação estatística (utilizando técnicas de estatística univariada, bivariada e multivariada). Da mesma forma, partindo das respostas dos actores sociais, procurou-se conhecer quais os valores e representações subjacentes às suas práticas sociais, considerando que os indivíduos têm diferentes graus de reflexividade em relação a estes elementos. Esta análise permitiu a compreensão das relações desenvolvidas entre as várias dimensões consideradas. Por outro lado, o material recolhido foi sujeito a uma análise de conteúdo qualitativa, procurando interpretar e comparar os discursos dos entrevistados e os significados que estes dão às suas acções.

5. Resultados

A felicidade tem sido medida através de sondagens de opinião, que avaliam a *satisfação com a vida*, num determinado momento e em cada país. Este instrumento de observação é, no entanto, alvo de diversas críticas, nomeadamente acerca da sua validade. A avaliação da satisfação é feita segundo um grau numa escala (insatisfeito, razoavelmente satisfeito, muito satisfeito), que não nos diz se o sujeito é feliz mas se avalia a sua vida de forma positiva. Felicidade, satisfação com a vida, qualidade de vida, são termos utilizados por vezes indistintamente. Veenhoven (1984) critica também a aplicação do termo felicidade a colectividades, pois sendo a felicidade um sentimento, não é generalizável a um país; quando muito os resultados indicam se os seus habitantes se consideram satisfeitos.

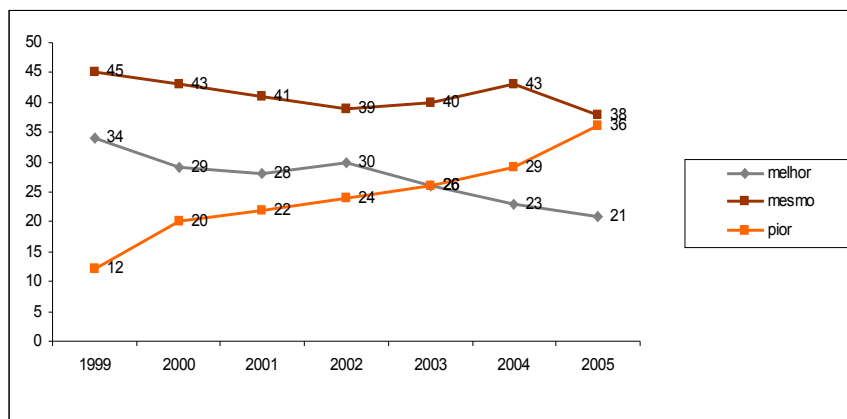
E mesmo considerando que este instrumento pode servir de referencial para medir a felicidade (num determinado momento) não permite perceber a sua importância para os actores sociais, nem a forma como influencia a acção individual.

O eurobarómetro tem tentado a medir a *satisfação com a vida* nos países europeus, bem como as *expectativas face ao futuro*. Ora, já em 1996, a população portuguesa se encontrava entre as *menos satisfeitas* da Europa (só a Grécia registava valores superioresⁱⁱ) com cerca de 31% dos inquiridos a revelar-se *insatisfeito* com a vida. E em 2006, os resultados apontam para cerca de 44% de *insatisfeitos com a vida*ⁱⁱⁱ. No gráfico, podemos visualizar a evolução da *satisfação com a vida* em Portugal, entre 1999 e 2005. Verificamos que o peso dos *insatisfeitos* cresce neste período temporal, a par da diminuição dos que se declaram razoavelmente satisfeitos com a sua vida.

**Gráfico nº1: Satisfação com a vida – dados para Portugal (%)**

Fonte: Eurobarómetro, 1999-2006

Quanto às *expectativas face à vida futura*, verifica-se que os que esperam uma melhoria das suas vidas, têm vindo a diminuir ao longo dos anos, aumentando o peso dos que consideram que os próximos 12 meses serão piores.

Gráfico nº 2: Expectativas face à vida futura

Fonte: Eurobarómetro, 1999-2006

Face aos dados analisados, Portugal encontra-se entre os países da Europa cuja população tem as avaliações mais negativas, tanto na apreciação da vida, como nas suas expectativas face ao futuro.

Questionamos que factores podem concorrer para esta *insatisfação com a vida*?

As condições existentes num determinado momento e para uma determinada sociedade influenciam as opções (pessoais e profissionais), bem como, os estilos de vida dos indivíduos, nomeadamente na importância que atribuem à felicidade, e igualmente, a estruturação dos seus projectos de vida e expectativas futuras.

Como é que a referida simultaneidade se traduz nas práticas e comportamentos dos actores sociais e mais especificamente na sua relação com a felicidade?

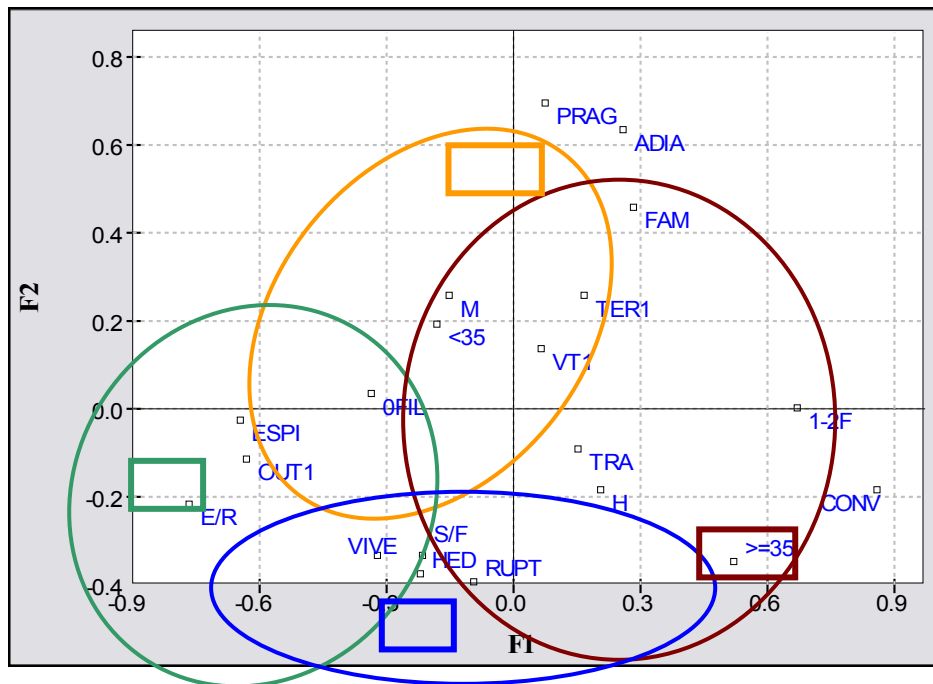
A análise das entrevistas^{iv} revela que as variáveis e indicadores inerentes às práticas, valores e percepções dos actores sociais, se organizam de acordo com a tipologia de perfis propostos no modelo teórico.



O discurso dos entrevistados revela que subjacente a cada um dos perfis propostos (pragmático, espiritual, convencional e ruptura) existe um *mundo social* específico, composto de condutas, valores, representações, incorporação prática de normas, percepções e expectativas, que inscrevendo-se em trajetórias de vida de várias décadas, são fortemente condicionadores da acção destes actores sociais.

O gráfico factorial apresentado, representa as aproximações e distanciamentos entre as variáveis e indicadores considerados, ou seja, entre os valores e práticas associados aos quatro perfis-tipo propostos.

Gráfico factorial 1: Características dos perfis-tipo



Legenda:

- ESPI** – Perfil Espiritual (**VERDE**)
- RUPT** – Perfil Ruptura (**AZUL**)
- PRAG** – Perfil Pragmático (**LARANJA**)
- CONV** – Perfil Convencional (**VERMELHO**)
- H** - Homens
- M** - Mulheres
- <=35** – Idade igual ou inferior a 35 anos
- >35** – Idade superior a 35 anos
- 0FIL** – Sem filhos
- 1-2F** – 1 a 2 filhos
- VT1** – Valor do tempo (presente)
- VIVE** – Vive (presente)
- ADIA** – Adia (presente)
- TER1** – Ter (presente)
- S/F** – Ser/Fazer (presente)
- OUT1** – Valor do Colectivo (presente)
- HED** – Hedonismo (presente)
- FAM** – Família (presente)
- TRA** – Trabalho (presente)
- E/R** – Espiritualidade (presente)



No gráfico factorial, o perfil *pragmático* surge associado à importância da posse (*ter*), *valor do tempo* e pelo *adiar* de muitas das suas vivências.

Caracteriza-se também pela proximidade às mulheres, aos mais jovens (≤ 35 anos), sem filhos e solteiros.

A análise compreensiva dos discursos, permite destacar ainda que entre estes entrevistados existe uma valorização de hábitos de trabalho, rotinas, estabilidade e controle, bem como, uma grande importância dada à actividade profissional.

Por sua vez, em torno do perfil convencional destacam-se os valores *familiares* e do *trabalho*, bem como o *valor do tempo*. Associa-se também à categoria *adiar* e à importância do *ter*.

Quanto às características biográficas, este perfil surge associado à existência de filhos (1-2), a homens, com mais de 35 anos e casados.

A par destes resultados, a análise qualitativa revela que nos discursos dos entrevistados de perfil convencional, sobressai a importância dada a rotinas e quebras de rotina, à segurança financeira, ao consumo, à família e o forte investimento profissional destes indivíduos.

O perfil espiritual valoriza o *ser/fazer*, a importância do *viver*, o *hedonismo*, a par da importância consagrada aos outros e aos valores da *espiritualidade*.

Partilha com o perfil *pragmático* algumas características biográficas, nomeadamente o facto de serem sobretudo mulheres, solteiras, sem filhos e com idades inferiores a 35 anos.

Quando focamos os discursos, verificamos que estes entrevistados valorizam a organização do seu quotidiano, a participação comunitária, valores de espiritualidade e holismo e também desenvolvimento pessoal e auto-conhecimento. Uma característica que está presente nos seus discursos é o facto de existir vontade e momentos de mudança mas esta ocorrer sem ruptura.

O perfil de ruptura distingue-se pela valorização do *viver*, *ser/fazer* e *hedonismo*.

Ocorre mais frequentemente em homens, com mais de 35 anos, casados ou divorciados.

A análise dos discursos permite concluir que a principal característica que destaca estes entrevistados é a existência de ruptura (profissional e/ou pessoal) nas suas vidas. Mas destaca-se também a importância da espiritualidade/ holismo, do prestígio e reconhecimento do exercício profissional, do renunciar ao que não se gosta, e da maximização da vivência.

O gráfico representa as relações estatisticamente significativas entre as variáveis que estruturam os perfis. Podemos visualizar a aproximação (definida pelas características biográficas) entre os perfis pragmático e espiritual (mulheres) e entre o perfil convencional e ruptura (homens). Ao mesmo tempo, verifica-se a partilha de valores entre os perfis espiritual e de ruptura (*fazer* e *viver*), bem como, entre o pragmático e o convencional (*ter* e *adiar*).

Por outro lado, em todos os gráficos factoriais ensaiados, as categorias *ter - ser* e *viver - adiar* surgem explicadas pelo mesmo factor e com posição oposta na representação gráfica, indicando a sua polarização e sugerindo 2 grupos^v: os *pragmáticos* e os *convencionais* que organizam as suas vidas em torno de um futuro, adiado ou projectado, e privilegiam a posse; e os *espirituais* e de *ruptura* que valorizam o *ser/fazer* e a realização quotidiana.

Ao mesmo tempo, as características biográficas sugerem-nos 2 conjuntos distintos: os mais novos, sem filhos, solteiros e principalmente de sexo feminino; e os mais velhos com filhos, casados/união de facto ou divorciados e de sexo masculino.



Se os primeiros encontram maior expressão junto dos perfis *pragmático* e *espiritual*, os segundos revelam-se no *convencional* e de *ruptura*.

Assim, os resultados da Análise Factorial das Correspondências Múltiplas e da análise compreensiva dos discursos mostram claramente que os tipos de felicidade considerados no modelo elaborado, correspondem a práticas e representações de actores sociais com características biográficas distintas, bem como, surgem associados a diferentes modelos de felicidade.

6. Conclusão

A felicidade é entendida enquanto sentimento, sujeito a evoluções, transformações e flutuações e que está relacionado e condicionado pelas várias dimensões da vida dos actores sociais. Estas dimensões são as relações familiares, o trabalho, a situação financeira, os amigos e os estilos de vida, assim como outras de natureza biológica e psicológica, e que não couberam neste trabalho; depende igualmente da apreciação e reflexividade que os actores sociais fazem das suas condições e circunstâncias de vida. A análise destas várias dimensões nas trajectórias sociais dos actores sociais permitiu captar os valores transversais a cada uma, assim como, as expectativas individuais e os sentimentos que constituem os seus projectos de vida, na sua relação com a felicidade.

As trajectórias sociais analisadas apresentam percursos em que a importância da felicidade se situa entre dois extremos: *ideal* e *real*. É a partir desta polarização que se criam diferentes estruturas que caracterizam os quatro perfis-tipo sugeridos: *pragmático*, *espiritual*, *convencional* e *ruptura*.

Os resultados reforçam o modelo proposto e revelam uma tipologia relacional de valores e práticas, aproximando e afastando diferentes perfis e destacando as características mais estruturadoras destas proximidades e oposições.

Se para uns “ter felicidade” é um objectivo, para outros “viver a felicidade” estrutura um quadro de vida expresso pelo gostar do que se faz e ter tempo e disponibilidade para si e para os outros. Assim, por um lado, encontramos actores sociais a organizar as suas vidas em torno do futuro, adiado ou projectado, que privilegiam a posse; e outros a valorizar o *ser/fazer* e a realização quotidiana.

Os resultados reforçam a hipótese de análise que estruturou este trabalho e organizam-se em pólos vivenciais: *viver* ou *adiar* e *ter* ou *ser*, indicativos da forma como os indivíduos idealizam e vivem as suas vidas.

Os actores sociais observados desenvolvem diferentes graus de reflexividade sobre a felicidade. Assim, a felicidade adquire diferentes significados sociais e traduz-se em diferentes necessidades de concretização. Em relação ao primeiro aspecto, se para alguns actores sociais é uma dimensão estruturadora da sua vida, para outros é um objectivo a atingir. Quanto à sua prática, uns optam por viver uma vida “feliz”, outros esperam ou planeiam o dia em que serão “felizes”.

No mesmo sentido, a análise do conteúdo das entrevistas, através das práticas, valores e dinâmicas dos actores sociais, revela claramente que a representação de felicidade e a forma como ela condiciona a acção é produto de uma construção social, diferenciada em função do sexo, idade, processos de socialização e trajectórias sociais, e revelando diferentes graus de reflexividade da ideia de felicidade.



Bibliografia

AVERILL, James R.; MORE, Thomas A. (2000) "Happiness" in LEWIS, Michael; HAVILAND-JONES, Jeannette M., *Handbook of Emotions, second edition*. New York: The Guilford Press.

BAUDELLOT, Christian, GOLLAC, Michel (2003). *Travailler pour être heureux? Le bonheur et le travail en France*. Paris : Fayard.

DAMÁSIO, António (2003). *Ao Encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Publicações Europa-América.

EASTERLIN, Richard A. (2001). "Income and Happiness: Towards a unified theory" in *The Economic Journal* 111, 465-484.

EASTERLIN, Richard A. (2003). *Explaining Happiness*, in <http://www.pnas.org/cgi/reprint/100/19/11176.pdf>.

EUROBARÓMETRO (1999 a 2005), in http://ec.europa.eu/public_opinion/index_en.htm.

FREY, Bruno S., ALOIS, Stutzer (2002). *Happiness and Economics: How the Economy and Institutions affect well-being*. Princeton and Oxford: Princeton University Press.

LAYARD, Richard (2003). *Happiness: as social science a clue?*. Lionel Robbins Memorial Lectures, London: London School of Economics.

LIPOVETSKY, Gilles (2006). *Le Bonheur paradoxal. Essai sur la société d'hyperconsommation*. Paris: Gallimard.

VEENHOVEN, Ruut (1984). *Conditions of Happiness*. Boston/Dordrecht/London: Kluwer Academic in <http://www2.eur.nl/fsw/research/veenhoven/index2.htm>.

VEENHOVEN, Ruut (1991) "Is Happiness Relative?" in *Social Indicators Research* 24, 1991, pp.1-34. in <http://www2.eur.nl/fsw/research/veenhoven/index2.htm>

WEBER, Max in

http://www.ne.jp/asahi/moriyuki/abukuma/weber/method/basic/basic_concept_frame.html

ⁱ As balizas destes quatro perfis são tipos-ideais que não pretendem resumir os traços comuns mas valorizar aquilo que é típico. Não são uma descrição da realidade mas uma construção mental que incorpora propriedades essenciais de um fenómeno particular, no sentido de um retrato unilateral que não coincide exactamente com a realidade singular. Nas palavras de Max Weber: “In order to give a **precise** meaning to these terms, it is necessary for sociology to formulate pure **ideal** types of the corresponding kind of action which in each case involve the highest possible degree of logical integration by their complete adequacy of meaning. But precisely because of its pureness, it is probably seldom if ever that a real phenomenon can be found which corresponds exactly to one of these ideally constructed **pure** types... Theoretical analysis in the field of sociology is possible only in terms of such **pure** types” in http://www.ne.jp/asahi/moriyuki/abukuma/weber/method/basic/basic_concept_frame.html

ⁱⁱ Entre os países *mais satisfeitos* em 2006, destaca-se a Dinamarca (97%), a Holanda (95%) e a Suécia e Finlândia (94%).

ⁱⁱⁱ Os indicadores utilizados são o *grau de satisfação com a vida e expectativas face ao futuro (próximos 12 meses)*.
Fonte: Eurobarómetro in http://ec.europa.eu/public_opinion/index_en.htm.

^{iv} Desenvolveu-se uma análise de conteúdo às entrevistas em profundidade realizadas a 16 indivíduos, 7 homens e 9 mulheres, com idades compreendidas entre os 29 e os 43 anos, com diferentes percursos profissionais, e das quais resultaram 1817 unidades de contexto.

^v Os resultados da análise bivariada sustentam igualmente esta hipótese.